

Matéria, elemento e arquétipo em Gaston Bachelard

Jean-Jacques Wunenburger¹

A realidade material pode ser entendida como o que está exterior a mim, não dependendo de minha consciência e de meu espírito (não-eu), como o que está, antes de tudo, localizável (topografia) em um lugar (enquanto o sujeito sobrevoa o espaço) e, enfim, como o que se apresenta como uma substância dotada de atributos (qualidades primeiras e segundas, grandeza, cor etc.). A matéria está sujeita a duas abordagens significativas, advindas respectivamente da alquimia e da química, a da imaginação poética e simbólica, relativamente universal e estável, e aquela dos conhecimentos científicos, variáveis de acordo com as épocas. Os dois tratamentos da matéria por representações, metafóricas ou matemáticas, segundo um semantismo analógico ou uma conceitualização experimental, são marcadores decisivos da atividade psicológica do sujeito, à qual Bachelard vai dedicar as duas vertentes, epistemológica e estética, de sua obra.

Podemos, então, presumir que se trata, nessas duas categorias, da mesma realidade material, que existe até uma unidade real entre essas diferentes representações? A matéria é pensada da mesma maneira na química e na física, na alquimia e no poético? A matéria é um dado primitivo, de onde parte o espírito ou uma criação do espírito, no momento em que se encontra com o que está fora dele? Se existe uma materiologia bachelardiana, que coloca para a matéria um contrapeso essencial às diferentes tentações de idealismo e de formismo, essa materiologia não pode se abrir sobre variações internas da ideia de matéria, que vão do abstrato ao concreto, do físico-químico ao psico-mágico? Essas variações são tratadas em sua totalidade pela dualidade do poético e do científico?

A matéria-prima como obstáculo epistemológico ao materialismo racional

O materialismo é, em princípio, um pensamento antigo, próximo do senso comum, que foi desenvolvido doutrinariamente pela metafísica – cartesiana – e por uma ciência pré-moderna. Ele

¹Institut de recherches philosophiques de Lyon, Lyon - França, e-mail: jean-jacques.wunenburger@wanadoo.fr

resulta de uma abstração inicial que parece ter mutilado para sempre a noção de matéria. Essa abstração, que se discute tanto no empirismo baconiano quanto no dualismo cartesiano, é a localização da matéria em um espaço preciso. Em um outro sentido, o materialismo ainda tende a limitar a matéria; recusando-lhe qualidades à distância pela interdição de agir onde ela não está. Por um declive insensível, o materialismo vai ao atomismo realista (BACHELARD, 1995, p.63-64).

As revoluções científicas do início do século XX, que inspiraram os primeiros trabalhos de epistemologia de Bachelard, desde sua tese de doutorado em 1927, constituem um contexto particularmente oportuno, nos planos epistêmico e pedagógico, para compreender melhor o novo espírito científico como uma retificação constante de razões anteriores e como uma progressão inexorável em direção a um antirrealismo crescente. Mais do que nunca, a nova microfísica, que se dirige para um nível de organização da realidade infinitamente pequeno, talvez inacessível à percepção (elétrons, campo quântico), permite confirmar que a racionalidade científica, em constante mudança, se constrói historicamente contra o empirismo imediato e comum. Ora, esse empirismo, também presente na metafísica tradicional, tende a coisificar, a substancializar e localizar os dados sensíveis e a privilegiar uma experiência sensível, sobretudo visual, de suas manifestações e mudanças. Bachelard quer extrair daí um materialismo retificado, novo, aberto.

O espírito pré-científico, ao contrário, recolhe um feixe de dados empíricos para reuni-los muito rapidamente em uma matéria propriamente dita. Assim ocorre com esse elemento fundamental que é o fogo, transformado pelas ciências pré-modernas, na teoria do flogístico, mantendo a chama, que, de fato, se revelou uma teoria errada no momento do aparecimento da lâmpada elétrica. A racionalização científica da matéria exige, nesse sentido, quebrar o Código da balança que conecta, de maneira infundada, matéria e peso. Como revela a física quântica, a matéria elementar, neste caso, o corpúsculo, não é mais o corpo em miniatura, mas uma construção matemática descoisificada. No quadro químico de corpos de Mendeleiev, a matéria é dotada de um “número” atômico completamente descoisificado, que se opõe ao “peso” atômico que remete, ainda, ao uso empírico da balança, dominante no pensamento anterior. De maneira mais geral, o materialismo retificado vai, ao contrário, privilegiar o tempo em vez do espaço e, através da radiação da matéria, introduzir uma ação à distância. A matéria torna-se, de fato, equivalente a uma energia se propagando no tempo. “Antes de tudo, é preciso

considerar a matéria como uma transformação de energia, como uma fonte de energia; depois, perfazer a equivalência das noções e se perguntar como a energia pode receber os diferentes caracteres da matéria” (BACHELARD, 1995, p.66).

O conhecimento científico da natureza reside, então, menos na descrição de variedades de matérias (tempo demais dominante através do desejo de coleções) do que naquela de variações diferenciais próprias a um fenômeno *mensurado*. Existe, certamente, um mundo material independente de nós, mas que deve estar conceitualizado contra o declínio do empirismo e do realismo, que querem transgredir um plano numenal para atingir a essência da matéria que permanece metafisicamente inacessível. Só podemos elaborar, com um paciente método fenômeno-técnico, uma verdade construída abstratamente (matematicamente), em constante mudança, e cuja experimentação estabelece a realidade apenas de maneira indireta. A ciência moderna do racionalismo novo então não é mais uma ciência dos objetos, mas das relações, não mais das qualidades substanciais, mas das equações traduzindo comportamentos energéticos dos corpos. Ela instaura a nova coerência de um materialismo racional, próprio a uma ciência cada vez mais afastada das experiências imediatas, abstrata, portanto, que se constrói contra os materialismos substancialistas, próprios ao senso comum e a certas metafísicas.

A matéria-prima como matriz simbólica de uma sobrematerialização

Inversamente, a imaginação poética terá o poder de materializar o mundo para explorar a profundidade substancial de certas matérias. A imaginação, mais poderosa do que a percepção, se instala, então, nas imagens, sempre verbalizadas pelo jogo de metáforas, de certas matérias sensíveis, mais ou menos dotadas de profundidade, de ressonância, de valorizações estéticas e morais. No atlas de imagens, as imagens materiais do cosmos ocupam um lugar central, sobretudo quando elas colocam em jogo os quatro elementos cosmológicos, já valorizados pelas grandes cosmologias no Ocidente (fogo, água, ar e terra). A imaginação é mais ativa e criativa, na medida em que se nutre mais das matérias elementares e de suas conotações do que de suas formas espaciais e seus movimentos. Quais são, então, nos escritos poéticos de Bachelard, as propriedades dessa imaginação re/sobre-materializante que vai transmutar as matérias imediatas de nossa experiência do mundo, facilmente manipuláveis, para satisfazer à utilidade,

em matérias sonhadas, sobrecarregadas de significações supramateriais?

- Primeiramente, as imagens materiais estáticas parecem se distinguir das formas e dos movimentos; as três categorias (às quais, às vezes, acrescentam-se as cores) denotando, juntas, a totalidade do real físico. A materialidade constitui propriamente uma dimensão originária dos seres, que deve ser identificada como tal:

Não existe uma individualidade em profundidade que faz com que a matéria, em suas menores parcelas, seja sempre uma totalidade? Mediada em sua perspectiva de profundidade, uma matéria é precisamente o princípio que pode se desinteressar das formas. Ela não é o simples déficit de uma atividade formal. Ela permanece ela mesma, apesar de toda deformação, de toda fragmentação (BACHELARD, 1972, p.3).

Em outros textos, Bachelard restitui as imagens materiais mais comparativamente. Elas são, em certo sentido, mais poéticas e criativas simbolicamente do que as imagens geométricas, ou seja, puramente espaciais, mas, paradoxalmente, menos do que as imagens de dinâmica pura. Para Bachelard, “A imagem literária é mais viva do que qualquer desenho. Ela transcende a forma. Ela é o próprio movimento sem matéria. Ela é, aqui, movimento puro” (BACHELARD, 1997, p.270). Aliás, G. Bachelard confronta, cada vez mais, imaginação material e imaginação dinâmica, que ele dispõe, tanto simetricamente quanto hierarquicamente, uma em relação a outra (a dinâmica se revelando, em certos sentidos, ainda mais originária do que a materialidade²);

- dentre as matérias, os quatro elementos da tetralogia cosmológica, já evidenciados pelo pensamento pré-socrático, em seguida pela tradição da alquimia, parecem produzir uma dinâmica simbólica arcaica, particularmente redundante e complexa, que remete à vida. Dessa forma, o fogo é sempre princípio de vida, “traço de união de todos os símbolos” (BACHELARD, 1999), na medida em que ele está, então, carregado de arquétipos. Compreendidos, no rastro de C.G. Jung e R. Desoille, como núcleo e cadeias de imagens coerentes (casa, gruta, labirinto, para os arquétipos da intimidade etc.) e transindividuais³, eles se tornam, então, seres psíquicos,

² Sobre a importância da motricidade em Bachelard, ver Lamy e Hieronimus (*Imagination et mouvement: autour de Bachelard et Merleau-Ponty*, EME, 2011).

³ “Um arquétipo é, antes de tudo, uma série de imagens ‘resumindo a experiência ancestral do homem diante de uma situação típica, ou seja, de circunstâncias que não são particulares a um único indivíduo, mas que podem se impor a qualquer homem” (BACHELARD, 1997, p.211).

cujo imaginário catalisa as valências simbólicas. Uma matéria arquetípica é uma espécie de fôrma psíquica que permite desenvolver um conhecimento a priori de suas imagens fundamentais, que se ativa ao contato com experiências empíricas das realidades correspondentes. A imagem concreta e determinada de um elemento se situa, então, na interface de uma intuição externa, produzindo um conteúdo, e uma intuição interna produzindo a informação que lhe confere significação. A representação arquetípica obedece, então, a uma espécie de lógica transcendental, já adotada por E. Kant, segundo a qual uma representação resulta de uma impressão sensível estabelecida pelas categorias do espírito⁴;

- os elementos materiais, termo comum à química e à alquimia, à ciência e à imaginação, não devem, entretanto, ser reduzidos a naturezas simples, pois eles são constituídos de misturas qualitativas. Esta é a posição da química pós-lavoisiana, mas, também, paradoxalmente, do imaginário poético. A univocidade, a identidade simples, determinantes para o espírito pré-científico, marcado pela opinião espontânea, são sempre concepções empobrecedoras e contrárias à realidade complexa. Ora, qualquer elemento material, físico-químico ou alquímico-poético, é composto e complexo, mesmo que isso induza a tratamentos diferentes segundo a razão e a imaginação. A matéria, de acordo com a ciência contemporânea, é constituída de relações internas sujeitas a variações internas diferenciais, perdendo qualquer substancialidade. Do mesmo modo, a matéria-elemento da imaginação vai se desenvolver segundo valências simbólicas múltiplas, opostas de acordo com os polos, que fazem dissolver a unidade presumida da entidade;

- O núcleo de cada elemento cosmológico, tal como é apreendido pelo devaneio sobrematerializante, é, portanto, de natureza semifísica e semipsíquica. O elemento material para a imaginação não está mais atrelado ao único não-eu, mas, ao contrário, ligado ao psiquismo obscuro, ou seja, ao inconsciente do sujeito que o representa e o enuncia. A matéria é, então, nesse caso, sonhada a partir de uma simbólica indução das propriedades fenomenais das matérias, mas, de fato, imanente nas estruturas psíquicas do ser humano. Por isso o devaneio com os quatro elementos mobiliza, no plano semântico, para além do conteúdo percebido, dois

⁴ O status dessa materiologia onírica deveria ser colocado em relação com a noção d'imaginal' (Ver AA. VV. *Bachelardiana*, revista diretta da G. Raio e V. Chiore, n.3, Genova: Il melangolo, 2008), ela própria preparada pelas especulações antigas de tradição hermetistas sobre a Alma do mundo.

planos: a) um plano psicológico que resulta das projeções inconscientes (que se enraízam até o plano pulsional, no caso da libido sexual que investe nas propriedades do fogo) (BACHELARD, 1999). “As imagens materiais nos engajam em uma afetividade mais profunda, por isso elas se enraízam nas camadas mais profundas do inconsciente. As imagens materiais substancializam um interesse” (BACHELARD, 1997, p.4). As matérias têm, também, uma relação estreita com o temperamento do sonhador, a ponto de cada elemento dominante sinalizar e assinar um temperamento⁵. b) sobre o plano social, o elemento físico é, também, marcado com valores socializados (o fogo é inseparável dos interesses culturais) “O fogo é mais um ser social do que um ser natural” (BACHELARD, 1999, p.27). Se o suporte experiencial é bem sensorial no início, o elemento imaginado e verbalizado é, antes de tudo, uma entidade da alma, da imaginação, da afetividade, e de valorizações não racionais, portanto, culturais.

- Bachelard aplica, a certas matérias elementares (as 4 da cosmologia antiga), leis oníricas tão restritivas quanto leis físicas, mas que tratam de sua semantização lógico-gramatical. “As imagens das forças psíquicas primeiras são mais fortes do que as ideias, mais fortes do que as experiências reais” (BACHELARD, 1997, p.20). Todas essas obras sobre os elementos desenvolvem, com exemplos incontáveis retirados das crenças e da literatura, regras de composição simbólicas segundo polaridades, oposições, ambivalências. Por exemplo: “Uma matéria que a imaginação não pode fazer viver duplamente não pode representar o papel psicológico de matéria original” (BACHELARD, 1973, p.16-17). Em particular, a ambivalência dos devaneios com um elemento está fortemente ligada à existência de contradições: “a contradição é para o inconsciente mais do que uma intolerância, ela é realmente uma necessidade. De fato, é pela contradição que se chega mais facilmente à originalidade” (BACHELARD, 1999, p.139-140). Essa projeção afetiva sobre as matérias fundamentais tomadas como elementos leva a lhes atribuir valores que são projeções do desejo, muito mais do que valores de uso ligados à estratégia das necessidades ou ao interesse utilitarista. A partir daí, os elementos contribuem para formar aspirações e valorizações morais, cada elemento ativando valores que configuram o bem e o mal. Assim, o fogo “dentre todos os fenômenos, é o único que pode receber claramente as duas valorizações contrárias: o bem e o mal. Ele brilha no paraíso. Ele queima no Inferno”

⁵ “Se nosso presente trabalho pudesse ter uma utilidade, ele deveria sugerir uma classificação dos temas objetivos que preparariam uma classificação dos temperamentos poéticos” (BACHELARD, 1999, p.153).

(BACHELARD, 1999, p.23). Para Bachelard, a imaginação das matérias é, então, portadora de normas que abrem um caminho para uma realização de si mesmo e para uma promoção do ser, em termos de virtude e de felicidade;

- Enfim, o imaginário das matérias é inseparável da linguagem, de uma abordagem performativa que joga com substantivos e, sobretudo, com verbos, que os engaja em situações de atividade, portanto, comportamentais. Os quatro elementos formam um corpus de imagens verbais poéticas que estruturam toda expressão poética, tanto pelos substantivos indutores quanto pelos verbos próprios às ações que eles permitem. A linguagem dos elementos torna-se, assim, uma matriz de metáforas infinita que abastece a imaginação de nós simbólicos poderosos. O materialismo onírico se desprende, então, da predominância do olho em favor de experiências hápticas, em que a mão descobre a profundidade das qualidades.

Os três materialismos

Bachelard descreve, então, uma grande parte das operações e das atividades da razão e da imaginação em relação ao tratamento que elas impõem às matérias do mundo exterior, colocando, assim, o materialismo no centro de sua obra. Mas a comparação da matéria da ciência moderna com o imemorial devaneio poético conduz, de fato, a distinguir três níveis de representação materialista, que a obra esconde sob um dualismo em um sentido didático⁶:

- uma abordagem espontânea do senso comum, sempre pressuposta, igualmente presente na metafísica, que valoriza nos corpos a substância, a homogeneidade, a pureza imediata e, sobretudo, a redução à espacialidade cartesiana (*res extensa*). Ela é a fonte mais antiga das representações pré-científicas da matéria, permanece próxima das opiniões talvez precipitadas e não opera verdadeiras discriminações entre percepção, imaginação e cognição;

- uma construção própria ao racionalismo aberto da modernidade, que dessubstancializa a matéria, sublinha sua composição complexa e seu dinamismo energético constitutivo. A matéria na química moderna torna-se um conjunto de combinações e de relações e, na mecânica quântica, ela perde até sua localização e se reduz à energia;

⁶ Às vezes, o termo é utilizado como uma metáfora banal: “Uma imagem que toma o lugar de imagem primeira torna-se matéria-prima da imaginação” (BACHELARD, 1997, p 276).

- enfim, um tratamento onírico-poético (que define “um materialismo encantador” [BACHELARD, 1997, p.98]), que evoca as matérias com base em uma não-separação entre o sujeito e o objeto, e que explora e extrai, no centro dos devaneios, suas ambivalências afetivas e sua pluralidade contrastada de valores.

O espírito pós metafísico do materialismo se desenvolve paradoxalmente ao contato de uma físico-química científica e de uma alquimia poética ao mesmo tempo. Sobre cada vertente, a matéria é sempre transformada em relação a seu sentido comum metafísico, filosófico, dóxico. Na ciência, a matéria é liberada pela racionalidade de suas representações empíricas primeiras, para se tornar uma representação matemática abstrata; na poética, a matéria, pela imaginação, é elevada ao patamar de uma imagem fundamental, de uma matéria psico-física, cuja entidade está inscrita na linguagem arquetípica das produções simbólicas. Finalmente, a matéria, em sentido filosófico tradicional, de uma substância simétrica ao espírito, talvez considerada por causa do espírito, é abandonada por G. Bachelard em favor de uma representação ou conceitual ou simbólica do “elemento” composto, e jamais simples (e não a substância), a matéria sendo esse númeno construído ativamente pela razão ou atividade, passivamente, pela imaginação. Do lado da ciência, a matéria é diversificada, hierarquizada, rachada em sua unidade substancial, no poético, ela é enriquecida pela subjetividade e pela simbolização ambivalente e matricial, profundamente inscritas nos arquétipos. De um lado, a matéria constitui uma coisa em si exterior inacessível (ceticismo metafísico do materialismo racional), mas conhecível por uma abstração que a decompõe em variações, de outro, a tetralogia das matérias elementares constitui as portas de acesso, o véu de Isis, que permitiria se aproximar da coisa em si, mas sem atingi-la nem também esgotá-la. Baseada em uma coisa em si inacessível, a ciência desmaterializa, a poesia sobrematerializa, todas as duas se desenvolvem, entretanto, de maneira não idealista, permanecendo condicionadas por essa exterioridade absoluta que é a matéria do mundo.

Pode-se verificar, novamente, então, que sobre os eixos opostos da ciência e do devaneio, o espírito humano transforma a representação espontânea das matérias, de maneira paralela, que vira sempre as costas ao imediato, ao empírico percebido. Racionalidade em constante transformação histórica e imaginação imemorial seguem uma mesma via, a via de uma ruptura com as evidências espontâneas, o que conduziria a levar em conta três materialismos, o vulgar, espontâneo, não trabalhado, não transformado, próprio à opinião e até à filosofia, o sábio

do laboratório que a livra de sua ganga empírica e substancialista e, enfim, o do imaginário que a enriquece ultrapassando a oposição do subjetivo e do objetivo, do eu e do não-eu, para elevá-la em entidade inédita, misto de corpo e alma⁷. A ciência dessubjetiva, fazendo, na ciência moderna, o conhecido depender do ato de conhecimento, o poético ressubjetiva, interiorizando características externas da natureza, cujos elementos são condensados universais. Finalmente, a matéria poética é tanto isomorfa ao conceito das ciências contemporâneas (e, portanto, anti-materialista no plano filosófico), quanto ela se instala na continuidade pré-científica da substância metafísica, mas para psicologizá-la. Em todo caso, a materiologia bachelardiana não é materialista, mas a obra das faculdades intelectuais (razão) e psíquicas (imaginação – vontade – afetividade).

Referências

BACHELARD, G. *L'eau et les rêves*. Paris: Corti, 1972.

BACHELARD, G. *L'eau et les rêves*. Paris: Corti, 1973.

BACHELARD, G. *Le nouvel esprit scientifique*. 5. éd. Paris: PUF, 1995.

BACHELARD, G. *La terre et les rêveries du repos*, Paris:Corti, 1997.

BACHELARD, G. *Psychanalyse du feu*. Paris: Gallimard, Folio- essais, 1999.

⁷ Propõe-se um quadro comparativo das três categorias de representação das matérias em G. Bachelard.

Razão pré científica e metafísica	Racionalidade científica	Imaginação poética
substância	relação	elemento
espacial geométrico	não espacial, temporal	espacial onírico, rítmico
puro	composto	ambivalente
estático	Energético	dinâmico
em si	Númeno	arquétipo
separação semiobjetivo	não-separação; objetivo	não-separação; subjetivo
geral	Particular	matricial, virtual
variedade	variação diferencial	bipolarização